



EXAME DISCURSIVO 10/12/2006

LÍNGUA PORTUGUESA INSTRUMENTAL COM REDAÇÃO

Caderno de Questões/Respostas

Este caderno, com oito páginas numeradas seqüencialmente, contém:

- cinco questões de Língua Portuguesa Instrumental e os espaços destinados à resposta de cada uma delas;
- a proposta de Redação e o espaço destinado ao texto que será produzido.

Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

Se houver algum erro, notifique o fiscal.

Todas as respostas e a Redação deverão ser apresentadas nos espaços apropriados, com caneta azul ou preta.

Não serão consideradas as questões resolvidas fora dos locais apropriados.

Leia com atenção as instruções contidas na capa do Caderno de Questões das provas específicas.

BOA PROVA!

Em meio ao progresso tecnológico e à exploração das forças de produção, não podemos nos esquecer de quem somos e de onde vivemos. Motivados por essa idéia, optamos por discutir, nesta prova, o tema *Produção e Destruição*, porque, para além dos limites geopolíticos e das diferentes culturas, somos movidos pelos mesmos desejos de condições dignas de vida e trabalho; todos nós habitamos o mesmo planeta e respiramos o mesmo ar em um mundo que, visto dessa forma, afinal, não tem fronteiras.

COM BASE NO TEXTO I, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 01 A 03.

No romance *A caverna*, narra-se a história de um artesão que passa a ter sua produção rejeitada pelo megacentro econômico que monopoliza o comércio da cidade. A anulação do trabalho manual pela tecnologia, bem como a exploração destrutiva do homem e da natureza pelo capitalismo, são temas que permeiam a narrativa. Neste fragmento, você vai acompanhar a cena em que o protagonista volta para casa, no campo, depois de viver na cidade, em busca de trabalho.

TEXTO I

A caverna

Enfim, a cidade ficou para trás, os bairros da periferia já lá vão, daqui a pouco aparecerão as barracas, em três semanas terão chegado à estrada, não, ainda lhes faltam uns trinta metros, e logo está a Cintura Industrial, quase tudo parado, só umas poucas fábricas que parecem fazer da laboração contínua a sua religião, e agora a triste Cintura Verde, as estufas pardas, cinzentas, lívidas, por isso é que os morangos
 5 devem ter perdido a cor, não falta muito para que sejam brancos por fora como já o vão sendo por dentro e tenham o sabor de qualquer coisa que não saiba a nada. Viremos agora à esquerda, lá ao longe, onde se vêem aquelas árvores, sim, aquelas que estão juntas como se fossem um ramallete, há uma importante estação arqueológica ainda por explorar, sei-o de fonte limpa, não é todos os dias que se tem a sorte de receber directamente¹ uma informação destas da boca do próprio fabricante. Cipriano Algor já perguntou
 10 a si mesmo como foi possível que se tivesse deixado encerrar durante três semanas sem ver o sol e as estrelas, a não ser, torcendo o pescoço, de um trigésimo quarto andar com janelas que não se podiam abrir, quando tinha aqui este rio, é certo que malcheiroso e minguado, esta ponte, é certo que velha e mal amanhada², e estas ruínas que foram casas de gente, e a aldeia onde tinha nascido, crescido e trabalhado, com a sua estrada ao meio e a praça à desbanda³ (...) A praça ficou para trás, de repente, sem avisar,
 15 apertou-se-lhe o coração a Cipriano Algor, ele sabe da vida, ambos o sabem, que nenhuma doçura de hoje será capaz de minorar o amargor de amanhã, que a água desta fonte não poderá matar-te a sede naquele deserto, Não tenho trabalho, não tenho trabalho, murmurou, e essa era a resposta que deveria ter dado, sem mais adornos nem subterfúgios, quando Marta lhe perguntou de que iria viver, Não tenho trabalho. Nesta mesma estrada, neste mesmo lugar, como no dia em que vinha do Centro com a notícia
 20 de que não lhe comprariam mais louça (...). O motor da furgoneta⁴ cantou a canção do regresso ao lar, o condutor já via as frondes⁵ mais altas da amoreira, e de repente, como um relâmpago negro, o Achado veio lá de cima, a ladrar, a correr pela ladeira abaixo como se estivesse enlouquecido (...). Abriu a porta da furgoneta, de um salto o cão subia-lhe aos braços, sempre era certo que seria ele o primeiro, e lambia-lhe a cara e não o deixava ver o caminho (...).

(SARAMAGO, J. *A caverna*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.)

Vocabulário:

¹directamente – grafia portuguesa para “diretamente”

²amanhada – arranjada, adornada

³à desbanda – ao lado

⁴furgoneta – veículo de passageiros e pequena carga

⁵frondes – copas das árvores

QUESTÃO

01

No texto, o modo de organização discursiva se altera para expressar diferentes intenções comunicativas do narrador: informar, descrever ou narrar; expressar emoções, julgamentos ou opiniões pessoais; aconselhar, ordenar ou interrogar, etc.

Transcreva duas passagens nas quais se faça referência à degradação do meio ambiente: uma que apresente a função referencial – própria das descrições – e outra que apresente a função expressiva – por meio da qual se emitem opiniões pessoais.

QUESTÃO

02

(...) *de que não lhe comprariam mais a louça* (l. 20)

No fragmento acima, o pronome sublinhado refere-se ao personagem principal da narrativa. Além disso, estabelece, em relação ao substantivo *louça*, uma determinada relação de sentido.

Indique essa relação de sentido e retire do texto outro fragmento em que se utilize esse mesmo tipo de estrutura.

QUESTÃO

03

Além de possuir conhecimento total da narrativa, das ações, dos sentimentos e dos pensamentos dos personagens, o narrador do texto influencia os leitores, na medida em que os convida a participar dessa onisciência, tratando-os como reais interlocutores.

Transcreva os dois trechos da narrativa em que se verifica essa interlocução.

COM BASE NO TEXTO II, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 04 E 05.

Em *Quarto de Badulaques (XIV)*, o autor estabelece um paralelo entre a vida dos homens e a do planeta em que vivemos, fazendo uma apologia à preservação do meio ambiente frente ao poder de destruição do capitalismo.

TEXTO II

Quarto de badulaques (XIV)

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: “Mas há tantas músicas esperando ser escritas!” E acrescentei um comentário meu: “Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça...” (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)

Mais que a minha própria morte e a morte das pessoas que amo, o que me dói é a possibilidade da morte prematura da nossa terra. Porque é certo que ela vai morrer. Tudo o que nasce, morre. O trágico será se ela morrer antes da hora, assassinada por nós mesmos, os seus filhos. (...) Entrei no livro *O universo: seu início e seu fim* (...) e comecei a viajar pelo tempo. O livro me levou para 15 bilhões de anos atrás. A temperatura era da ordem de um bilhão de graus. Foi então que aconteceu a grande explosão, o Big Bang, com a qual o universo se iniciou. E pensando sobre esse evento fantástico enquanto caminhava – é preciso cuidar do coração – meus pensamentos foram interrompidos pelas sibipirunas¹ floridas, o amarelo contra o verde das folhas e o azul do céu... E me assombrei de que coisas tão lindas e mansas tivessem nascido de uma explosão há 15 bilhões de anos... Do caos nasceram ordem, vida e beleza, da mesma forma como uma bolha de sabão sai, perfeita, do canudinho que o menino sopra... Aí fiquei com medo que a bolha estourasse antes da hora. Porque é isso, precisamente, que essa coisa a que damos o nome de progresso está fazendo. Todos os candidatos a presidente, todos, indistintamente, de direita e de esquerda, prometem “progresso”. Mas nenhum deles promete preservar a natureza. Qualquer menino sabe que a bolha de sabão é frágil. Não pode crescer sempre. Se crescer além do limite ela estoura. E nossa terra é precisamente uma bolha frágil que navega pelos espaços vazios, bolha onde apareceram, miraculosamente, as condições para que a vida viesse a existir. Mas, se essas condições desaparecerem, a vida deixará de existir. Muitas críticas justas já se fizeram ao capitalismo, de um ponto de vista ético, em virtude de sua tendência de produzir pobreza e concentrar riqueza. Mas raramente se fala sobre o capitalismo como um sistema autodestrutivo que, para existir e gozar saúde, tem de estar num processo de crescimento constante: mais empregos, mais trabalho, mais devastação da natureza, mais monóxido de carbono no ar, mais lixo – seis bilhões de quilos por dia! –, mais exploração dos recursos naturais, mais florestas cortadas, mais poluição dos mananciais... Até quando a frágil bolha suportará?...

Rubem Alves
(www.rubemalves.com.br)

Vocabulário:

¹sibipirunas – árvores com flores amarelas e vistosas

QUESTÃO
04

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações: de paráfrase, quando lhe mantém o sentido original; de estilização, quando complementa esse sentido; ou de paródia, quando lhe inverte o sentido original.

Transcreva um fragmento do primeiro parágrafo da narrativa em que haja referência a outra manifestação cultural e indique o modo como o texto de Rubem Alves se relaciona com ela – se na forma de paráfrase, estilização ou paródia.

QUESTÃO
05

A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Redação

PARA ELABORAR SUA REDAÇÃO, ALÉM DOS TEXTOS ANTERIORES, CONSIDERE O QUE SE SEGUE, COM UM NOVO PONTO DE VISTA SOBRE O TEMA *PRODUÇÃO E DESTRUIÇÃO*.

TEXTO III

Em entrevista ao *Terramérica*, o escritor português José Saramago afirmou:

“As tragédias ecológicas são importantíssimas, mas as humanas talvez sejam mais. Uma árvore pode, mais ou menos, ressuscitar, uma floresta, um bosque, se cuidarmos deles. Mas os mortos não ressuscitam, não há maneira de devolvê-los à vida. Se é verdade que devemos nos preocupar com a catástrofe ecológica, não é menos certo que se deve pensar, sobretudo, na catástrofe que será a morte de uma quantidade de seres humanos, que nem podemos imaginar. (...) O meio ambiente é muito importante, mas vamos nos preocupar com algo mais. Tenho um jardim e cuido muito de minhas árvores. Entretanto, estou mais preocupado com as pessoas que vivem dentro de minha casa.”

(www.tierramerica.net)

Todos os textos desta prova problematizam dois focos de exploração do sistema capitalista: o homem e a natureza.

Lembre-se, porém, de que o objetivo da apresentação desses textos é oferecer a você subsídios para o desenvolvimento de suas idéias. Sua redação, portanto, deverá demonstrar elaboração própria.

Redija uma carta a José Saramago ou a Rubem Alves, desenvolvendo com clareza, argumentos que:

- no caso de José Saramago, procurem convencê-lo de que a vida do planeta é mais importante do que a vida humana;
- no caso de Rubem Alves, busquem convencê-lo de que nada se compara à vida humana, nem mesmo a preservação do planeta.

Para o cumprimento dessa tarefa, seu texto – de, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas – deve:

- ter estrutura argumentativa completa;
- seguir o padrão de carta;
- ser redigido em língua culta padrão;
- ser assinado por você como: *um (uma) estudante*.

